

GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — **Collaboradores:** Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Anselmo Xavier, B. Machado, B. Pinheiro, Costa Goodolphim, Gomes Leal, G. Benevides, João Monteiro, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Maria L. Caldas, Reys e Sousa, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 23

Dezembro — 1882

1.º anno

LOPES TROVÃO

Estavamos para escrever umas palavras sobre o valente e audacioso republicano brasileiro dr. Lopes Trovão, quando casualmente se nos deparou o *Album das Glorias* com um finissimo artigo de João Ribaixo, pseudonimo, que encobre uma das primeiras individualidades da litteratura portugueza.

Não podémos resistir á sua transcripção. Melhor do que nós o poderíamos fazer, retratou n'esse artigo João Ribaixo o salientissimo typo da democracia brasileira, dr. Lopes Trovão. Demais, nem d'elle possuíamos apontamentos biographicos nem sabiamos a fonte onde colhel-os. Sabiamos sim! que Lopes Trovão era o primeiro orador revolucionario do Brazil, que era um publicista habilissimo e um homem de coragem ás direitas. Mas nada mais.

Por isso entendemos que o artigo em questão supria admiravelmente esta falta, e que, transcrevendo-o, prestavamos um valioso serviço aos nossos leitores. Foi o que fizemos, sentindo que o dr. Lopes Trovão nos privasse dos apontamentos, que tão desejados e precisos eram n'esta occasião.

«Sempre que os governos constituidos virem entrar na politica militante um magro acautellem-se d'elle. Principalmente quando se trate d'um magro verdadeiro.

Porque os ha verdadeiros e falsos. Conhecem-se magros que não são em realidade senão gordos supranumerarios, barrigudos por encher, obesos em principio de seus cursos junto da cevadeira social.

Convém não confundir as duas especies. O magro para quem chamamos a attenção especial dos estadistas conservadores e o magro definitivo, devidamente expe-

tario de uma fortuna de cem contos em papeis de credito, com picados quotidianos ao infalivel prato de meio e sobremezas habituaes de tres a quatro dururas entre calda e sequeiro.

O verdadeiro magro sae de dentro de tres annos d'esse regimen, tão victorioso e tão chato como sae um sabre de dentro de uma bainha.

A primeira vez que vimos Lopes Trovão estremecemos, porque elle era esse magro.

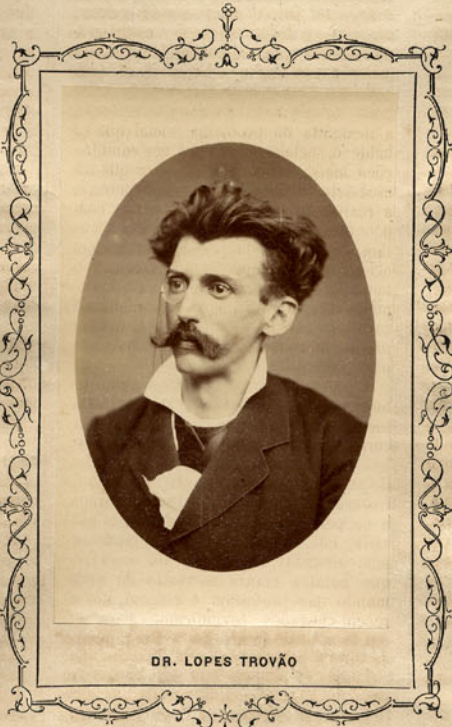
A circumspecta e cordata policia portugueza estremeceu tambem ao vel-o desembarcar em Lisboa em transitio do Rio de Janeiro para Paris.

Sabia-se na Europa pelos artigos dos jornaes noticiosos e pelas notas secretas dos embaixadores vigilantes, que elle era no Brazil, sua patria, além de um medico distincto, um republicano impaciente e um agitador infatigavel.

Gordo, este revolucionario não teria amedrontado, como amedrontou, os sustentaculos da ordem na travessa da Parreirinha.

Porque os gordos ou são opportunistas como Gambetta ou são publicistas como Castellar. Em qualquer d'esses casos amam a revolução, mas amam-a em socego, a uma distancia respeitosa de todo o contacto libidinoso, por carteiro honesto ou por olho de conta, afinado sim, porém platonico e inoffensivo. Quando conspiram pela redempção do genero humano, mandam pôr agua ao opprimido, convidam os tyranos a uma chavena de chá, e lançam o grito da revolta ao piano: «Meus senhores e minhas senhoras, visto achar-se decidido de commum accordo que nos sublevemos, toca a sentar; vae-se servir a pinga de agua morna.»

Tal é o gordo! — Bellos effeitos d'anca para sobrecasaca abotoada, e philosophia



DR. LOPES TROVÃO

rimentado, o que resistiu á acção da fucula nas mais altas dozes, ao regimen dilatador de refeições consecutivas de favas com chourico mouro, aos chocolates de Mathias Lopes, ao caldo peitoral do sr. Franco, de Belem, á Revalenta Arabica, á farinha de S. Bento, e ao goso seden-

de almofada em rosca para commodo do opinante.

Além do que se acha provado em anatomia sociologica que toda a barriga, medindo de um metro e um millimetro para cima, tem sempre mais ou menos, além d'outras miudezas, um rei dentro.

Os revolucionarios perigosos são os magros, como Clémenceau, como Rochefort, como Vallès, comd Emile Gautier e como Lopes Trovão.

Os homens d'esta constituição não querem de ordinario logar algum nos *fauteuils* officiaes do Estado. Não teriam, de resto, que metter dentro d'esses *fauteuils*, se os accetassem. E é difficil tapar-lhes a bocca, por elles não disporem de espaço onde arrecadar o que engulissem: — resultado fatal de não possuirem abdomen em sacco, mas sim em forma de folha de papel affixada nos rins como um cartaz n'um muro.

No momento em que passou em Lisboa, Lopes Trovão era de uma magresa commovente. Compreendem-se todos os cuidados que este viajante deu á policia durante os dias em que esteve hospedado no Hotel Borges, sabendo-se que pelo seu aspecto elle se parecia — até o ponto de illudir os mais perspicazes — com um fio de alatria.

Não se podia ser nem mais fino nem mais esguio nem mais incompressivel nem mais diaphano. A mesma Sarah Bernardt, posta ao lado d'elle, poderia mostrar-se nas feiras como a menina gorda, e em vez dos dialogos sentimentaes das tiscas expressivas, seria com os discursos consagrados das obesidades celebres que ella fulminaria as massas: — «Tenho vinte e dois annos, sou nascida em Marselha», etc.

Antunes, o habil, encarregado pelos poderes publicos de velar sobre a segurança do throno e do altar, seguindo por toda a parte em Lisboa o conspirador brasileiro, procurou-o uma vez dentro de um *coupe* que ia a galope para a estação de Santa Apolonia. Esse *coupe* estava vazio. Apenas no banco do fundo, suspenso do pano de crochet que forrava a equipagem, um fio de retroz cor de canario pendia ondulante. Era elle, que se ia embora.

Se ao regressar de Paris ao imperio, Lopes Trovão voltar tão revolucionario e tão magro como foi, não teremos senão a aconselhar uma coisa ao principe reinante das terras de Santa Cruz, e essa coisa é que mande por na corôa parafusos novos, de porca.

D'aqui até lá aguardaremos em silencio discreto a marcha dos acontecimentos.»

JOÃO RIBAIXO.

Lopes Trovão

Dizem que ha no Brazil tres ordens de republicanos: os ideologos maniacos, os matreiros á cata das altas posições, e os scientificamente convictos. Parece-me ser exacta esta classificação e peço dispensa de exemplificar as referidas cathogorias. Os partidos monarchicos, auctores da alludida distincção, seguem o velho sastro

popular attribuido ao macaco: elles não olham para o seu... rabo.

Ora, pois; — ha entre elles justamente as mesmas especies votadas entre os republicanos, excepto uma.

Os monarchistas, ou são estolidamente ideologos, ou são velhacos e ganhadores, sem que entre elles exista o grupo dos sinceros e scientificamente convictos. A causa da monarchia é uma causa morta *in petto*: vive ainda, graças á força adquirida, á influencia historica e á inercia nacional.

Entre os republicanos honestos nenhum merece-me tantas sympathias como Lopes Trovão. Não é um utopista, é um combatente; não forja theorias abstractas, agita aquellas com que se põe em contacto. Toda a sua actividade, todas as suas energias gravitam em torno de um pensamento só — o seu ideal politico. Tem sido posto em cerco, tem sido assediado por tudo e por todos: mas ainda não se rendeu. — Condemnaram-no a viver isolado e perseguido, forçaram-no a uma especie de *antophagia* espirital. Os adversarios o envolvem na guerra mais crua, caluniam-no e procuram atiral-o ao desprezo publico.

São armas de covardes. Os proprios correligionarios, não sei se o deva dizer, mas é a verdade, os proprios correligionarios movem-lhe alguns embaraços. Ha quatro annos conheço Lopes Trovão lutando para conquistar uma posição independente que o deixe viver na imprensa, e ha quatro annos, tenho-o sempre visto repellido.

Eu não sou da côrte, não lhe conheço os segredos, odeio-a na mesma proporção em que amo o Brazil, e confesso ser uma das anomalias, que me tem quasi chocado desagradavelmente, — essa exclusão forçada que a imprensa emprega contra o joven tribuno e distincto publicista!

Talvez seja por causa da integridade de caracter do incorruptivel republicano.

Como era de prever, arredado da clinica e do jornalismo, Lopes Trovão viu-se sem os meios indispensaveis á vida.

D'ahi a necessidade de tentar outras actividades e elle crê que, formado em direito, ser-lhe-ha facil attirar-se á advocacia. É a razão da viagem á Europa. Não quero ser indiscreto, mas quero ainda d'esta vez peccar pela franqueza: não sou apaixonado pelas viagens á Europa; e creio que o meu nobre amigo illude-se com o seu projecto.

E' já dizer muito, quando não tenho o direito de metter-me nas resoluções alheias... Apenas devo ainda lembrar que ás longas permanencias na Europa devemos algumas duzias de charlatães na medicina e alguns dos phenomenos mais chatos de nossa litteratura. — Mas, enfim, que elle vá e aprenda alli o que se deve aprender: — a grande fé nas energias humanas e o grande amor á patria. E que elle volte cada vez mais convicto do seu dever, mais ousado, mais valente, mais energico para combater os velhos erros e profligar a desgraça que nos acabrunha. Que a patria então o comprehenda!

SYLVIO ROMERO.

O monoculo do Lopes Trovão

Objectos ha, que, pelo uso constante que d'elle fazem as pessoas, encorporam-se por assim dizer a estas, unificam-se com ellas, caracterizam as profundamente, emfim. Como comprehender o dr. Americo de Campos sem a sua manta, o Luiz Gama sem o castor branco, o Silva Jardim sem a sua *buline* flexivel, Quintino Bocayuva sem o seu grande chapéu napolitano, Saldanha Marinho sem o seu *cachenez*, Christiano Ottoni sem seu enorme chapéu, Lopes Trovão sem o seu *lorgnon*? Cada um d'esses objectos constituiu-se o thermometro de cada uma d'essas pessoas: estudando-as nos seus variados matizes, nas suas mudanças, chega-se á noção da indole e das disposições do animo dos seus possuidores.

Assim é que o monoculo do dr. Lopes Trovão offerece seguros elementos para profundo estudo psycho-physiologico em essa notavel e saliente individualidade.

Homem feito apenas de nervos e de ossos, Lopes Trovão tem a dureza de caracter d'estes e a sensibilidade, a vibrilidade d'aquelles.

E' uma physionomia incisiva, uma alma fina, rigida, branca e cortante como a lamina de um escalpello. Um corpo singular, ao serviço de um singularissimo espirito. Alto, magro, anguloso, parece ter sido feito de proposito para saltar barricadas, devorar distancias, dominar as multidões como uma columna, dobrar-se sobre ellas como um salgueiro.

Sua cabeça pequena, coberta de um pello finissimo de um louro de chamma, arripiado: o nariz adunco olhos pequenos e brilhantes, o pescoço longo, vermelho e nua; podia ser collocada essa cabeça sobre um milhafre decapitado.

Para completar a sua grande figura lancinante, em boa hora lembrou-se do monoculo, o Trovão.

Aquelle pequeno vidro nua, redondo, ficando ao olho direito, retido pelo sobrolho e palpebra arrepanhada dá um tom tão forte de aspereza e de vigor ao seu rosto escavado e sanguineo!

A contracção do olho direito dilata o esquerdo, de fórma que os seus olhos redondos fagulham como os de agua raiosa. Aquelle monoculo é o thermometro de todas as variantes do seu animo.

A amisade, a colera, o escarneo, o azedume, jubilo, tudo exprime admiravel, prodigiosamente aquelle fragmento de crystal.

Quando sóbe á tribuna depois de atravessal-a por um olhar que vae examinar a attitude do seu auditorio, desprega-o do seu sobrolho e começa de limpal-o vagarosamente, engasta-o de novo, fal-o descrever um semi-circulo da direita para a esquerda, como que se communicando mudamente com os audientes e começa: — Cidadãos!..

Quando a indignação lancina-lhe o verbo com subitaneos relampagos, o monoculo cae repetidas vezes, commovido, animado, colerico!

E' um monoculo — alma.

Atravez d'elle tem fitado aquelle olhar

de aguia um formoso punhado de sonhos, como constellação que desejava cravar no céu da Patria.

Tambem atravez d'aquelle circulo de vidro tem esmagado os vibrões da inveja e da calumnia e tem dado batalha a uma grande phalange de inimigos. . .

Talvez, porém, aquelle elegante *lorgnon* tenha sido muitas vezes humedecido e toldado pelas lagrimas. . .

VALENTIM DE MAGALHÃES.

O ENFORCADO

Na masmorra maldito, o desgraçado infame
Espera que a justiça ao cadaveralo o chame!
Os dias vão correndo, as horas, os segundos
Abrindo-se a seus pés abyssos tão profundos!
Que noites de terror! Que noites de heroismo!
O perversito reu ouve inda o catechismo!
A predica do mal, a predica sangrenta
Que os crimes vis absolve aos banhos de agua benta!
Inclina a fronte e cae! E o padre sempre ao lado!
Ainda está com vida e já crucificado!
Oh despojas cruéis, oh justa humanidade,
Quem deu esse poder á erga sociedade?!
Quem disse ao juiz: — Podeis os vossos reus matar!
Quem disse ao assassino: — A lei vai-to enforcar!
Assassina-se á luz, trucidada-se de dia
E a lei é quem o manda, a lei coardec o fria!
Miseravel, atraz! Cobri a vossa fronte!
Não mais pena final! Resurja no horizonte
A luz do amanhecer, a luz pura da aurora!
Levanto-se nna escola, onde a cadeia morra!
Conceda-se á virtude um merito real!
Acabem-se os covis do apostolo do mal!
E depois não verdo deharo o este cem,
O reu matando o irmão, o algoz matando o reu!

Porto, 12 de Setembro de 1882.

Ann.

As Miserias das monarchias

Quando os homens que são dignos da época em que vivemos, lançam um golpe de vista sobre o estado das nações regidas pelas instituições monarchicas, não podem esquivar-se a sentir um calafrio d'indignação que lhes percorre as veias. Indignam-se porque é triste esse estado.

E não só é triste mas é tambem vergonhoso, indigno e degradante!

E' triste, porque as *pragmaticas innocentes* em uso nas côrtes de todos os reis (como lhes chama o autor da *propaganda republicana e do systema monarchico*), roubam aos vassallos proletarios e menesterosos a tranquillidade, impedem-lhe o bem estar, e apoderam-se dos parcos interesses que podem grangear nas suas lides quotidianas, para serem absorvidos nos gastos que essas pragmaticas reclamam e sem as quaes os monarchas não passariam de ridiculos personagens cobertos de vestidos apalhagados ou de entes inúteis e perniciosos elevados ao posto que occupam para poderem impunemente desvalisar os povos ao abrigo das leis.

Esse estado é vergonhoso porque as monarchias só teem leis rigidas para os desgraçados.

A sombra da monarchia pôde impunemente o capitalista ou o proprietario dispor, forçar, esmagar e escarnecer da consciencia dos infelizes que d'elles dependem em troco do insufficiente e negro pão que lhe atiram a titulo de caridosa remuneração por lhe haverem augmentado com o seu trabalho o superfluo que já possuíam.

Á sombra da monarchia pôde impunemente roubar ou ser falsario o fidalgo cujo nome e gerarchia lhe servem d'escudo contra a lei que só é inexoravel quando se applica ao plebeu faminto.

Á sombra da monarchia pôde o gentilhomem honrar com a deshonra a humilde familia que lhe franqueou as portas e cujo crime só se contrara como passa-tempo leviano.

Á sombra da monarchia esquecem as autoridades que são os servos dos cidadãos, para que julgando-se investidas com uma porção do poder real se arvorem em chicote que fustige e em mandões que reclamam obediencia.

Á sombra da monarchia chama-se revolução á vontade do povo, e direito incontestavel á arbitrariedade authoritaria.

Á sombra da monarchia quem paga só tem deveres e os que comem só conhecem direitos.

Á sombra da monarchia tem fome o operario que rega o lavor com o suor do seu rosto e passa o tempo em orgias o funcionario favorecido que foge ás obrigações.

Á sombra da monarchia, enfim, vicia-se a sociedade, adultera-se a lei, corrompe-se o direito, esquecem-se os deveres e forma-se a desordem.

Esse estado é indigno, por que é indigno soffrer o desprezo dos torpes meliantes que occupam posições conquistadas á força d'intrigas vergonhosas, de salamaleks alacaiados e d'intrujices rasteiras.

Este estado é indigno, por que a monarchia rouba-nos os fructos do nosso trabalho nas constituições que desaparecem nas algebeiras dos pares, nas gavetas do clero, nos cofres dos ministros, nas especulações dos corretores d'emprestimos e na onerosa lista civil.

Este estado é indigno, por que a monarchia rouba aos campos os seus filhos mais possantes para habitual-os á ociosidade no vicio dos quartéis.

Este estado é indigno por que a monarchia faz perder a dignidade do cidadão no aviltamento do vassallo; é indigno, por que a monarchia corrompe o direito do pobre e encaderna em velludo a torpe conducta do millionario e do nobre; é indigno enfim, porque é indignidade que o homem do seculo XIX não tenha amor proprio sufficiente para erguer a cabeça com altivez e dizer com convicção: sou livre!

Este estado é degradante porque a monarchia degrada insensivelmente as sociedades arrastando-as pouco a pouco á incuria, frieza, á indifferença e prostra-as alfin no turpor da inercia em cujo estado os ambiciosos as manejam como melhor lhes conyem e elles, inconscientes, prestam obediencia cega aos mandatos do monarcha reinante.

* *

Quando ha perto de noventa annos a Revolução franceza, tremenda nas suas indispensaveis represalias, fez echoar atravez da Europa o lugubre ruido produzido nos degraus do patibulo pelo rodar

da cabeça de Luiz XVI, Portugal estremeceu como estremeceram todas as nações civilizadas.

Era o acordar dos povos.
A liberdade tocára na frente as sociedades aviltadas.

A esse contacto o sol da justiça evaporou as nuvens que envolviam a ideia, e Portugal, a exemplo das outras nações, pensou tambem.

N'essa época quando os povos pensavam, os cadafalsos erguiam-se.

Era traidor quem se reconhecesse homem.

Era conspirador quem amasse a liberdade.

Era decapitado, ou pendido na forca quem negasse á realeza o direito de imperar.

Uma apoz outra, caíam as cabeças revolucionarias.

Corria o sangue nas ruas e as praças eram o açogue da humanidade.

A realeza, o rei, a familia priveligiada, tremia apezar de todo o seu poder sanguinario entregava bem que seria derrotada, escarnecida e arrastada á cauda dos cavallos pelas ruas em que o sangue do povo tinha sido pisado pelos sicarios do absolutismo.

O cheiro das victimas e a probabilidade da victoria, fez vir d'alem mar o ambicioso ridiculo que envergára o manto de heroe.

Em torno seu agruparam-se todos os illusos a quem a escravidão fez julgar que a monarchia seria liberal se concedesse uma constituição.

Essa constituição venceu e os resultados foram:

Pedro IV que roubou a Portugal a sua melhor possessão dando-lhe em troco sua filha, um oculo, um chapu velho, uma carta d'alforria, e . . . o coração!

Maria II, que fez em cem occasões derramar o sangue dos portuguezes, chamando desde o alto do seu throno constitucional as baionetas estrangeiras para que a matança fosse maior.

Pedro V, que teria sido um bom religioso, foi um pusilanime rei a quem a pouca idade e o curto reinado só deram tempo para permitir que a nação que jurára defender fosse insultada impunemente pelo mais nefasto dos Buonapartes.

E por ultimo *Luiz I*, o sonhador de duas corças, o iberico de 1869 e de 1870, consentindo á ultima hora que o seu governo seja vendilhão e alugador de portuguezes!

Tal é a historia da monarchia constitucional!

E' a monarchia sem camisa exposta na cruz da justiça!

E' a monarchia que soube embalar o povo ao som dos seus hymnos constitucionaes até que cahisse prostrado na inercia, na frieza ou na indifferença.

E' enfim, a monarchia que faz estremeceer d'indignação os portuguezes, dignos de tal nome, ao ver o estado triste, vergonhoso, indigno e degradante em que a nação se despenhou por ter consentido no seu seio a familia de Bragança.

O povo hoje reconhece esta verdade, olha com vergonha para o seu passado

de vassallo e com orgulho para o seu porvir de cidadão. Sacode das sandalias o pó da monarchia e levanta com bríos o estandarte da Republica. Desperta emfim do torpor em que jazem, apresta-se para os acontecimentos, e esses, não ha que duvidal-o, não tardarão em fazer-lhe ver que Portugal *foi* monarchia.

H. B.

A Policia

Gozamos da maxima liberdade, temos progredido muito, dizem ufanos os que vivem á custa do suor do povo, pretendendo illudil-o para lhe sugar o ultimo ceitil, esquecido de que os factos estão diametralmente oppostos áquellas affirmações gratuitas.

Entre os milhares d'exemplos, que poderíamos apresentar em desmentido, citaremos a policia.

Quanco ha 90 annos se publicou em França o codigo dos delictos e das penas já os artigos 16.º e 17.º diziam o seguinte: «A policia é instituida para manter a ordem publica, a liberdade, a propriedade e a segurança individual. Seu caracter principal é a vigilancia. A sociedade considerada em massa é o objecto da sua sollicitude.»

Pois entre nós e nos fins do seculo XIX é bem diversa a sua missão. Mantem a ordem publica promovendo, na maioria dos casos, a desordem: garante a liberdade prendendo arbitrariamente os cidadãos inoffensivos e pacificos; defende a propriedade extorquindo os haveres de cada um por meio de fianças e injustas multas, e protege a segurança individual atacando o povo, que lhe paga deixando á vontade os grandes criminosos.

Seu caracter principal é a oppressão. A sociedade é a victima das suas prepotencias, a realisa o objecto da sua sollicitude.

Parece vivermos nos ominosos tempos de Luiz XIV.

Referindo-se a esta epocha diz Pelletan: «A policia é a primeira instituição do despotismo. E' por intermedio d'ella que elle tem os olhos, os ouvidos e a mão por toda a parte, que penetra á viva força ou secretamente em cada casa, em cada existencia, em cada pensamento; que governa como lhe apraz governar, na sombra, sem ruido, pelo poder occulto do terror; que julga sem provas nem forma de processo; que prende a victima de noite, na cama, dormindo confiada na lei e que a faz desaparecer. A pedra da prisão d'estado guardava sempre o segredo.

Que actos surprehendia e castigava a policia?

Precisamente aquelles que sua magestade praticava em Versailles.»

Tudo como no reinado do *principe perfeito*.

Se a espionagem, a perseguição, o julgamento em que a policia é parte e testemunha ao mesmo tempo, e os repetidos attentados contra a liberdade, a propriedade e a segurança individual promovidos pelos agentes da auctoridade são progres-

so, temos então progredido muito, o que equivaleria dizer que a liberdade e escravidão são uma e a mesma cousa.

ANSELMO XAVIER.

IMPRESSÕES DO BUSSACO

AO MEU AMIGO G. WENDBELL

Era n'uma manhã de maio: o ceu estava sereno e limpidio, apenas uma ligeira e fresca briza balouçava a cabellera do arvoredo que ondeando soltava de si um doce murmuro, como o leve anceo e a suave respiração da virgem quando um innocente sonho d'amor e d'esperança, lhe faz arfar o peito; acabavam de soar 7 horas no relógio do convento, que repetidas d'ecco em ecco foram ouvidas nas portas de Coimbra, em torno nem uma voz, apenas o zumbir das abelhas mergulhando-se nos calices das flores, d'onde sabiam puloídas com o pollen odorifero, o sol como um beijo do ceu dava vida á herva e ás flores, o vento rumorejando de leve pela folhagem, trazia-nos ás faces os aromas: tudo parecia uma harmonia celeste, um hymno que subia ao ceu exalando-se da terra, como incenso da criação ao creador; a meus pés via um denso nevoeiro envolvendo montes, valles, villas e aldeias que verdejam e ardejam n'aquelle espraído hosiante que se abre nas manhãs claras, aos olhos dos que vingam as alturas da serra do Bussaco: é alli ciente d'attenção e spasmo aquelle quadro, que alli se reproduz muitas vezes: de qualquer paradeiro da serra, d'onde a vista se possa soltar desembaraçada da ramaria, julga-se nas manhãs em que o nevoeiro descido aos valles cerra na sua espessura os encantos da natureza, ver o vasto oceano alagando a terra e atirando com as ondas espumosas á raiz do monte. Alli no sitio em que o *lençol é mais fino*, um pinheiral sobreleva, figurando escuro barco, perdido na vastidão das aguas que ora o abraçam, ora o soltam, consoante a ondulação do nevoeiro soprado pela briza; além pela elevação do outeiro que a nebrina cobre, avulta a vaga galgando formidável cachopo; e em redor as aguas arfando com as palpações que lhe agitam o seio.

Depois a brisa aligeira-se, o alvo lençol que cobre o corpo da terra começa a enrolar-se, e a pôl-o a descoberto; agora negreja o arvoredo na cabeça do monte, alveja-lhe a limpa corrente o peito e as costas, e aos pés estende-se um tapete de verdura.

Então, attentando bem, vê-se branquejando por entre as franjas dos pinheiros que abundam nas cristas da montanha algumas povoações das que do sopé do monte até á ultima orla do vasto panorama se alteam nos cabeços, ou se encostam nas collinas e se espreguicam nos valles.

Foi sentado na peanha da carcomida cruz de cedro que á beira do terrasso olha para o poente onde gosei o panorama que me impressionou, e senti a alma desalo-

gar-se dos maus pensamentos que lhe empanavam a singeleza; e disse então entre mim repassando no meu espirito os grandes dramas da vida: quantos juizes iniquos e venaes! quantos magistrados indignos! quantos maus padres, desmentindo nas acções a palavra da verdade que elles roubam ao evangelho! e que de miserias n'esse povo desgraçado, n'esse povo que trabalha que se aniquila para nutrir realza ociosa! esse pesado fardo que a ignorancia ainda supporta, para escarneo da humanidade!

Figueira, julho de 1882.

P. LOPES.

Chronica

A chronica da *Galeria Republicana* faz hoje um parenthesis aos assumptos de que tencionava tratar, para, no meio do mais delirante entusiasmo e da mais elevada convicção, saudar, cheia de fé e de crenga no futuro, o ardente tribuno da democracia portugueza, dr. Manuel d'Arriaga, deputado pelo Funchal.

Honra pois ao benemerito povo do Funchal, pela sua independencia e briosa attitude!

Honra a Manuel d'Arriaga!

Honra á republica!

CABRION.

Publicações recebidas

Recebemos o 1.º numero do jornal *A Moda* publicação trimensal de que são proprietarios os notaveis industriaes do Porto os srs. Costa Braga e Filhos.

Promette esta publicação, tratar todos os assumptos relativos á industria de chapellaria e offerece as suas columnas a todas as outras industrias que no mesmo queiram tratar qualquer questão que lhes diga respeito.

Este numero vem acompanhado de duas primorosas phototypias com 46 modelos de chapaus para a presente estação.

Louvamos os srs. Costa Braga e Filhos pela sua iniciativa e agradecemos a remessa do exemplar com que nos honrou.

Expediente

Terminando no proximo numero o primeiro anno de publicação, pedimos aos nossos estimaveis assignantes que desejem continuar, a finesa de mandar renovar as suas assignaturas para não soffrerem interrupção na remessa, pois como sabem não se envia o jornal sem que esteja pago.

A administração.

No proximo numero daremos o retrato de Py e Margal.